

A China reitera o seu apelo aos EUA para que cesse a agressão contra Cuba



Pequim, 31 de julho (Prensa Latina) A China pediu hoje aos Estados Unidos que cessem as ameaças de uso da força contra Cuba e eliminem todas as sanções unilaterais impostas à ilha, após relatos de um suposto plano de ação militar por parte de Washington.

A porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Mao Ning, disse que Pequim tomou conhecimento das notícias publicadas sobre o suposto desenvolvimento desse plano pelos Estados Unidos.

A porta-voz observou que a China já expressou a sua posição sobre este assunto em diversas ocasiões e reiterou o seu apelo a Washington para que cesse imediatamente quaisquer ameaças de uso da força contra Cuba.

Também instou os Estados Unidos a eliminarem todas as formas de sanções unilaterais impostas contra a nação caribenha.

Mao Ning sublinhou que a China continuará a apoiar firmemente Cuba na defesa da sua soberania nacional e na rejeição de interferências estrangeiras.

Por outro lado, acrescentou que Pequim trabalhará em conjunto com a comunidade internacional para salvaguardar a equidade e a justiça internacionais.

Recentemente, em resposta a uma pergunta da Prensa Latina, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Lin Jian, destacou que Washington mantém um bloqueio total e sanções ilegais contra a ilha há mais de 60 anos, situação que tem gerado grande preocupação na comunidade internacional.

Assim, instou os Estados Unidos a ouvirem "a voz justa da comunidade internacional", a porem fim imediatamente ao bloqueio e à pressão coercitiva contra Cuba e a cessarem as ações que violam o direito do povo cubano à sobrevivência e ao desenvolvimento.

Anteriormente, o representante permanente da China nas Nações Unidas, Fu Cong, denunciou como o bloqueio econômico, comercial e financeiro dos Estados Unidos contra Cuba mina o direito à vida do seu povo.

As medidas de Washington violam gravemente as disposições da Carta da ONU relativas à igualdade soberana, à resolução pacífica de disputas e à proibição ou ameaça do uso da força, especificou o embaixador no seu discurso durante um debate na Assembleia Geral das Nações Unidas.